

A (RE)PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES NA ANIMAÇÃO STEVEN UNIVERSO: ROMPENDO FRONTEIRAS E O INVESTIMENTO COM OUTRAS POSSIBILIDADES

Iuli do Carmo Melo

Doutoranda em Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestra em Educação e Especialista em relações de gênero e sexualidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Membro dos grupos de estudos e pesquisa: Gênero e interdisciplinaridades (GENI-UFJF) e Diferenças e subjetividades na Educação: Estudos surdos, das questões raciais, de gênero e infância. (DiS – UNICAMP) iulimelo22@gmail.com.

José Rodolfo Lopes da Silva

Mestre em Educação e Especialista em relações de gênero e sexualidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e membro do grupo de estudos e pesquisa em gênero, sexualidade, educação e diversidade(GESED-UFJF). Jrodolfoledes@hotmail.com

Resumo

Steven Universo, uma série de animação estadunidense, produzida por Rebecca Sugar, conta a história de um menino metade humano, metade *gem*. A representação de um herói em formação aprendendo a utilizar seus poderes mágicos. Nessa trama é possível, no aporte das masculinidades em estudos de gênero, uma análise reflexiva das personagens que rompem com padrões heteronormativos. Nesse sentido, é possível perceber a animação como investimento em outras possibilidades de masculinidades, dada a massiva representação de heróis que se apresentam de forma cristalizada em noções binárias de gênero, naquilo que se convém ver como homem “de verdade”. Desse modo, pensamos a produção como artefato cultural, capaz de

ensinar, educar contra a uma cultura do estupro, onde se naturaliza a formação de masculinidades agressivas e a violência por elas (re)produzida.

Palavras-chave: Masculinidades, Cultura do Estupro, Artefatos Culturais.

Introdução

O conceito de masculinidades hegemônicas caracteriza os modos de ser homem que remetem a masculinidades que expressam de forma dura e violenta. Comumente os meninos aprendem condutas e sentimentos que os afastam dos comportamentos supostamente femininos. Dessa forma, a construção social de uma hegemonia masculina, branca, heterossexual, cristã e neoliberal se apóia na hierarquização da diferença daqueles que não seguem esses atributos naturalizados culturalmente (CONNEL, 1995).

De acordo com Raewyn Connell (1995), as masculinidades são (re) produzidas de diferentes maneiras no mesmo contexto social e que, desse modo, por mais que haja uma forma hegemônica de masculinidade outras possibilidades se encontram agrupadas ao seu redor. A pesquisadora ainda diz que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria complexa e até mesmo contraditória.” (CONNELL, 1995, p. 189), uma vez que é possível encontrar atributos “femininos” em homens e vice-versa.

Desenhos - e outras produções - comumente retratavam - alguns ainda retratam - seus personagens seguindo um padrão que valoriza determinados sujeitos. Como não nos lembrar das produções do estúdio de animação *Disney* com suas princesas à espera de um príncipe encantado que pudesse salvá-las? Ainda podemos nos remeter as sagas de *Cavaleiros do Zodíaco*, e a série *Drago Ball*, produções japonesas onde há muitas batalhas travadas entre homens.

Artefatos culturais que agem pedagogicamente sobre suas/ seus espectadoras/es. Ensinam modos de ser homem e mulher em nossa sociedade, muitas vezes de formas limitadas, onde mulheres são habitualmente retratadas como delicadas e indefesas e homens são destemidos, lutadores, dentre outros. As obras também investem na (re)construção de padrões de beleza relacionados a corpos, cor da pele e cabelos estabelecendo uma relação de beleza ideal, comumente associado a um status social.

Nesse sentido, colocamos a produção como uma possibilidade educativa de masculinidades em meio a cultura do estupro. A cultura do estupro é engendradora num investimento a natureza do homem como biologicamente predador. Em mitos que geram a culpabilização da mulher pela violência justificada geralmente no tipo de roupa, lugar

que frequenta afastando homens e meninos de qualquer aspecto dito feminino. Reforçando a ideia de que homens de verdade são aqueles que se sequer expressam emoção, que prejudicial tanto a pessoas que se indentificam com sexo feminino quanto ao masculino.

Para esse ensaio analisaremos dois episódios da série *Steven Universo*, uma produção que se contrapõe a lógica binária de gênero. O primeiro, intitulado “*Juntos e Sozinhos*” - 37º episódio da primeira temporada - mostra Steven tentando aprender a arte da fusão. O segundo episódio que exploraremos é nomeado “*A canção da Sadie*” - 16º episódio da segunda temporada. Orientada/o pela perspectiva teórica pós estruturalista o objetivo do trabalho é refletir acerca das possibilidades de des/re/construção das masculinidades hegemônicas através da análise da construção da masculinidade da personagem Steven. De que modos a personagem se coloca à margem da masculinidade hegemônica? Quais relações sociais possibilitam essa condição? Que dispositivos de feminilidades e masculinidades são expressos na série?

Assim, procuramos chamar a atenção para a mídia como espaço de produção de verdades, saberes e, por conseguinte, sua função enquanto ferramenta pedagógica. As representações de gênero e sexualidade na publicidade “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder.” (FISCHER, 2001, p. 9)

Apresentação do artefato

Steven Universo é uma produção do canal a cabo *Cartoon Network* lançada em 2013 nos Estados Unidos e em 2014 no Brasil. A animação - criada por Rebecca Sugar - conta a história de Steven, um menino que mora com três *Crystal Gems*, guardiãs com poderes mágicos que protegem a terra. Seu pai é humano e sua mãe - que morreu para que ele pudesse nascer - era uma *Crystal Gem*, fazendo com que ele também tenha alguns poderes. A princípio o desenho parece tratar das aventuras protagonizadas pelo grupo, mas ele vai além disso.

“Juntos e Sozinhos”

O episódio tem duração de 11m30s e seu título original é “*Alone Together*”. As *Crystal Gems* tem como prática a fusão, que possibilita

a união de duas ou mais *Gems* em um único indivíduo. O episódio inicia com Steven e Ametista treinando para realizar sua fusão sob a orientação de Pérola. Como não conseguem alcançá-la, Pérola decide demonstrar a maneira correta com Garnet. Após outras tentativas não bem sucedidas Pérola passa a desconfiar que o motivo pelo qual Steven não consegue se fundir a nenhuma delas é o fato dele ser metade humano e metade *Gem*. Steven se encontra com Connie - sua melhor amiga - na praia para lhe dizer o que aconteceu. Nesse momento os dois começam a compartilhar seus sentimentos e segredos. Steven diz que não sabe se conseguirá realizar a fusão e explica que a ação envolve uma dança. Connie então diz que nunca conseguiria, pois nunca dançou na frente de ninguém. Steven a convida para dançar e a interação é tão intensa que os dois conseguem se fundir e assim surge Stevonnie.

“Canções para Sandie”

No início do episódio Steven se surpreende ao descobrir que sua amiga Sadie consegue cantar muito bem e a incentiva a participar do Praia-Palooza, festival de música que ocorrerá em *Beach City* - a cidade onde moram. A mãe de Sadie é controladora e pressiona a filha a perfeição com o apoio ingênuo de Steven que acompanha toda a construção da apresentação. Ao perceber o desconforto de Sadie, que desiste da apresentação, Steven veste o figurino composto por um vestido e sapatos de salto e se apresenta com a canção que ensaiou com Sadie em homenagem a amiga. Tinha que ser coisa do Steven.

Steven e possibilidades de se (re)construir enquanto menino

A (re)constituição de nossas identidades ocorre das mais diversas e complexas maneiras. Podemos pensar na escola, família e religiões como ferramentas pedagógicas uma vez que (re)produzem saberes. Conhecimentos que estão ligados a modos de ser, pensar, estar e se relacionar com a vida, sujeitos, nos educando e tendo participação ativa na nossa constituição enquanto sujeitos e de nossas subjetividades (FISCHER, 2002). Pensando além da instituição escolar, a pesquisadora Ruth Sabath (2001) chama a atenção para a mídia como espaço de (re)produção de saberes e, por conseguinte, ferramenta

pedagógica. As representações de gênero e sexualidade na publicidade “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder.” (*Ibdem*, p. 9).

Pensando que em uma cultura do estupro na qual as relações se dão pela banalização da violência via a naturalização do comportamento agressivo masculino e a culpabilização da vítima é possível perceber em Steven e o universo, formas de desconstrução dessa masculinidade cristalizada na qual a violência contra as mulheres ou jogo de força com os personagens não são foco de trajetória, nem limita a sua constituição como homem ou menino. Sendo nenhum aspecto comumente dito feminino constringedor ou ofensivo a Steven ao invés de reforço a masculinidade hegemônica a desconstrução dela.

A cultura do estupro se manifesta de vários modos, tratando-se de uma série de ações e discursos que, aliados a mecanismos culturais dentro das relações de poder, privilegiam o homem de forma que a imagem da mulher e, posteriormente, do que se constitui como feminino, tenha possibilidade de ser desumanizada pela violação do corpo. Dessa forma, a cultura do estupro se manifesta em um cotidiano que coage, constrange e violenta pessoas, sendo em sua grande maioria mulheres. (MELO, 2019, p. 160)

A produção foge a regra porém, não se limitam à publicidade e suas propagandas. Filmes, novelas, seriados, jornais, revistas, sites da internet e desenhos também funcionam como mecanismos de representação, instituindo assim formas de ver e compreender o mundo em que vivemos da forma mais “natural” possível. Através de um cuidadoso e inacabado processo somos seduzidos por essas instâncias que investem em nossos corpos marcas e normas a serem seguidas.

[...] como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? Como esquecer as pesquisas de opinião e as de consumo? E, ainda, como escapar das câmeras e monitores e vídeo e das inúmeras máquinas que nos vigiam e nos atendem nos bancos, nos supermercados e nos postos de gasolina? Vivemos mergulhados

em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos sias censuras. (*Ibdem*, p. 18)

A animação rompe com essas normativas e explora outras concepção de família, uma vez que Steven mora com três “mulheres” - Pérola, Ametista e Garnet - e não com o seu pai, mesmo ele sendo muito presente em sua criação. Solidão, morte, adolescência e relacionamentos são outros temas tratados com naturalidade. Steven é uma criança reconhecida como sujeito que produz cultura, é participativo e exerce autonomia, é incentivado a dançar e não é repreendido por demonstrar emoções.

Toda ação que o olhar do “normal” condenaria, no universo de Steven, não é encarado com estranhamento. O diferente é a cara do Steven, uma vez que se trata de um humano em um mundo alienígena. O diálogo entre as personagens nos mostra que há outras possibilidades para os meninos. Não há uma substância ou essência que faça com que meninos sejam violentos por serem simplesmente meninos. Na fusão que gera Stevonnie, a aparência da personagem traz os traços físicos dos dois personagens e não é questionada sua identidade de gênero ou orientação sexual. Em canções para Sandie ao se apresentar com roupas “femininas” a reação da plateia foi entusiasmo e uma das personagens chega a mencionar que “*Isso é a cara do Steven.*”.

O menino transita com facilidade entre o feminino e o masculino e vai constituindo e vai (re)constituindo outras possibilidades de ser menino. Que chora, dança, canta, usa batom e protege seu planeta ao lado de suas tutoras, com sensibilidade para as injustiças e soluções criativas. Buscamos inspiração em Guacira Lopes Louro (2007, 2008), uma vez que ela assume o caráter de pluralidade dos gênero, assim como a sua mutabilidade e contraditórios. Dessa forma, o gênero assume um caráter fluído e é parte constituinte das identidades dos sujeitos como categorias como, por exemplo, raça, etnia, classe social, geração, nacionalidade, etc. Ainda podemos afirmar que essas categorias foram/são/serão construídas através de relações de poder e processos sociais, culturais e históricos.

A história de Steven, se passa em universo paralelo, que não é regido pela heteronormatividade. As práticas que (re)produzem as masculinidades e feminilidades são comumente concebidas na suposta inferioridade da mulher e/ou aquilo que aprendemos a ver como o feminino. As relações de poder são fundamentais no reconhecimento

da diferença não hierarquizadas. *Steven Universo* retrata a subversão aos olhos de quem está inserido em um sistema patriarcal e racista, no qual masculinidades que se expressam semelhante a de Steven seja por grupos de homossexuais, pessoas trans, bissexuais e até mesmo heterossexuais - são reprimidos, violentados, colocados/os à margem da sociedade, tendo outros lugares construídos. Além de representatividade a animação incita e reconhece possibilidades de (re)existência.

Considerações finais

A produção *Steven Universo* vem sendo construída como algo que possibilita o questionamento do que está posto não só para as questões de masculinidades. O desenho também traz momentos potentes que investem na desconstrução do racismo, LGBTTI fobia, e logo de uma cultura do estupro. Isso nos leva a refletir acerca da força social, política e estética dos artefatos culturais. Elisabeth Ellsworth (2001) defende que as produções possuem um modo de endereçamentos, elas investem de forma consciente - ou inconsciente - sobre um sujeito. Artefatos culturais que buscam representar a diversidade que se encontra no mundo são importantes, eles são necessários, para assim talvez conseguirmos desconstruir as questões problemáticas já mencionadas e construir novos sujeitos e subjetividades.

Referências

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoe-realidade/article/view/71725/40671>>. Acesso em: 14/04/2021.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). Nunca fomos humanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade.

2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 7-34.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-
Posições(Unicamp). Campinas, SP, v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

MELO, Iuli do Carmo. Educar sobre o estupro, Educar sobre a dife-
rença: A redefinição do estupro e a reivindicação de não violência na
apropriação e construção do conceito cultura do estupro. Dissertação
(mestrado academico) Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade
de Educação. Programa de pós-graduação em Educação, 2019.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Revista
Estudos Feministas. Florianópolis, SC, v. 09, n. 01, p. 09-21, 2001.